



The screenshot shows the ComputerWorld website interface. At the top, there are navigation links for 'INÍCIO', 'NEWSLETTER', and 'CONTACTOS', along with social media icons for Facebook, Pinterest, Twitter, RSS, and LinkedIn, and a search bar. The main header features the 'COMPUTERWORLD' logo and a red banner with the text 'Que benefícios pode a tecnologia trazer ao seu negócio?'. Below this, there are categories like 'Tecnologias', 'Negócios', 'Sectores', 'Carreira', 'Opinião', 'Vídeo', and 'Recursos'. A secondary navigation bar highlights 'EM FOCO' with sub-categories: 'CLOUD', 'MOBILE', 'BIG DATA', and 'SOCIAL BUSINESS'. The main article title is 'E se amanhã tiver uma Internet diferente?' with a sub-headline: 'A Internet está em evolução política, tecnológica e regulatória. O que hoje é dado como adquirido pode deixar de o ser, alertam especialistas em governação da rede mundial.' The article is dated '5 de Junho de 2014' and includes 'PRINT' and 'EMAIL' options. To the right, there is an advertisement for 'HP ProLiant Gen8' servers, featuring the HP logo and the text 'Saiba mais' and 'Windows Server 2012'.

<http://www.computerworld.com.pt/2014/06/05/e-se-amanha-tiver-uma-internet-diferente/>

E se amanhã tiver uma Internet diferente?

A Internet está em evolução política, tecnológica e regulatória. O que hoje é dado como adquirido pode deixar de o ser, alertam especialistas em governação da rede mundial.

ICANN “A Internet pode ser diferente amanhã”. O alerta foi deixado por Pedro Veiga, do ISOC Portugal, na abertura do Fórum para a Sociedade da Informação, que decorreu esta quarta-feira em Lisboa, e confirmado por outros oradores.

Para Ana Cristina Neves, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), a governação (“governance”) da Internet “é o tema mais importante mas não é discutido em Portugal”.

“Os utilizadores não querem saber da governação da Internet”, explicou Andrea Beccalli, da Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (ICANN) Europe, “tal como fazem com a electricidade”. Nesta discussão “com 15 anos, a Internet tem-se como adquirida”.

O problema, explicou Luís Magalhães, do Instituto Superior Técnico e membro do “Strategy Panel on ICANN’s Role in the Internet Governance Ecosystem”, é a

governança “multistakeholder”, em que governos estão ao mesmo nível de outras entidades ou partes interessadas na discussão da infra-estrutura da Internet. E o facto de a ICANN ser uma entidade com sede na Califórnia, sujeita às leis desse estado norte-americano.

Aceitando que a Internet tem de ser “governada a nível mundial”, está a haver um “enorme retrocesso por parte de blocos geopolíticos, um retrocesso total com posições radicalizadas de vários países”, que pretendem um modelo onde possam exercer um maior poder político. No caso da ICANN, por exemplo, “os EUA é que mandam”, declarou Ana Neves. “Como é que se resolve isso? Não sei”.

Um risco derivado desta questão política é passar a “haver várias Internets – e esse risco existe”, referiu Luís Magalhães, havendo já grupos de estudo sobre os efeitos dessa “fragmentação” da Internet.

“Essa fragmentação não é miragem, já existe”, explicou Nuno Garcia, da Universidade da Beira Interior, também envolvido na ICANN. “Está fragmentada por governos que querem cercear os direitos humanos nos seus países”, como sucedeu com o Egipto e parece estar a ocorrer na Tailândia.

Para Luísa Gueifão, da Associação DNS.PT (que gere o domínio de topo de Portugal), o modelo “multistakeholder”, apesar de “ter muitos problemas, ainda é o melhor”. Aliás, é o modelo seguido pela associação, que integra entidades de defesa de utilizadores, de “registrars”, do governo e ainda um conselho consultivo.

Mas “é uma utopia” querer ter uma governança única da Internet, contrapôs Nuno Matias, da Amen.pt. “Porque seria a Internet especial quando isso não foi conseguido nos direitos humanos, ambiente ou desarmamento”, questionou.

No entanto, “o risco de não olharmos para as nossas coisas é que elas desaparecem”, lembrou Nuno Garcia. Considerando necessário “trazer mais pessoas” para o debate destas questões, defendeu uma infra-estrutura da Internet “livre, aberta e neutra” – como era na sua origem.

“Os problemas continuam mas a solução não existe”, sintetizou Luís Magalhães, que defende um modelo com a ICANN não sujeita à lei da Califórnia e a passar para organização internacional. “A evolução deverá ser esta e é do interesse dos EUA, mas eles ainda não perceberam”, considera.